

São vidas:

sendo vidas, nada mais nos resta fazer senão irmos vivendo

Por Fernando Barrichelo

Neste maravilhoso trecho de uma carta de **Fernando Sabino** para **Clarice Lispector** em 1946, ele reflete sobre a imprevisibilidade da vida, a passagem do tempo e a busca por sentido. Entre a beleza e a melancolia do cotidiano, viver apenas não basta — é preciso ter uma convicção para dar significado à existência.

Clarice, sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa, quando um contínuo se aproximou segurando uma carta para mim. Largou-a na minha frente, os papéis voaram. Fiquei idiota com a rapidez.

Confesso que nunca acreditei que minha carta chegasse às suas mãos e muito menos que Seminarstrasse existisse. Mas essas coisas costumam acontecer. São vidas, como diz o Moacir Werneck, numa carta para mim. **São vidas**. Sendo vidas, nada mais nos resta fazer senão irmos vivendo.

Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei muito de uma palavra amiga, e, afinal, o meu livro está ali, num canto, esperando uma resolução. Já nem sei mais nada, e às vezes tenho vontade de ir mais devagar. **Viver devagar é que é bom**, e entre-viver-se, amando, desejando e sofrendo, avançando e recuando, tirando das coisas ao redor uma íntima compensação, recriando em si mesmo a reserva dos outros e vivendo em uníssono.

Isso é que é viver. Viver é questão de paciência, é isso mesmo. É ir olhando e dizer: **aquilo é bonito!** É muito comprido, parece que vai cair e não cai. Hoje é sábado, amanhã é domingo. Aquela moça parece triste, o que há com ela? **Estou tão cansado, mamãe**. Ah, eu tinha um selo da Bélgica, hoje não tenho mais.

Aquele anúncio é engraçado: **olha, vai acender**. A gente olha, olha, e não acende nada. Depois a gente fica triste, e quando se lembra que amanhã vai ser diferente, fica mais triste ainda. A gente podia ser assim, Clarice, **viver apenas**, aceitar o momento como essencial e nascer de novo entre dois cigarros, entre o brinquedo e o edifício, entre a palavra e a curva. Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. Há uma criança correndo na rua, correndo, correndo, há uma bola, há um livro chegando pelo correio, um embrulho, uma carta e um passado — a vida é boa.

Mas o olho aberto na parede nos espreita, à espera. Há um vento carregando um papel na calçada, agita a saia da mulher na esquina. A alegria salta da boca e escorre pela escada, rola no meio da rua e se perde no meio da praça. O guarda parado fica olhando, impassível, a pensar: hoje é de tarde, hoje é de tarde. Viver é isso mesmo e, afinal, ser feliz é fácil como fechar os olhos.

Mas o olho na parede existe, nos espreita sempre, como um buraco, um mistério, uma lembrança do mundo errado possibilitando a salvação. Alguns conceitos certos dão ilusão de calma, facilidade e vitória. Por exemplo: a renovação temporal é uma busca da eternidade das coisas. Mas na verdade não há calma nenhuma, tudo é muito difícil, e afinal as palavras estão precipitando a nossa derrota.

Porque viver apenas não basta. Não basta, não basta. É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela.



FERNANDO BARRICHELO é executivo, mas escreve sobre pensamentos e raciocínios. Ou seja, sobre a vida e sobre todos nós.